

## PESCA

Apparício Silva Rillo

Na estreita da canoa a linha longa.  
Nela o anzol - garra na sombra líquida  
O remeiro e seu ofício de paciência

Súbita,  
A mensagem dos dentes que abocanham  
A mão galopeia,  
A fisga ferra fundo.  
As barbatanas resistem,  
Frágeis asas.

O nado para o alto, a cola que espadana,  
A guelra asfante, rubra como um talho.  
A morte que se entranha nas escamas.

Ágil, a faca!  
A chispa na madeira, a chama brava  
Carne de rósea polpa, em sal e brasas  
A piava de prata faz-se pão.  
No Bolicho  
Apparicio Silva Rillo  
Traga de vez a garrafa,  
bolicheiro! me despacha,  
que hoje no mais se emborracha  
quem nunca se emborrachou.  
Quero beber no gargalo  
para esquecer o pialo  
que o tal de amor me atirou.

Sou índio duro de queda  
mas fui pegado de jeito.  
Bateu-me a argola no peito  
e ali no mais me planchei.  
Sempre fui solto de pata  
mas nessa volteada ingrata  
num tacuru tropecei!

Sucede que eu não sabia  
quanta manha se requer  
pra se correr com mulher  
na cancha reta do amor.  
Desci confiado pra raia...  
Perdi pro rabo de saia  
sem sair do partidor!

Caí no tiro de laço  
de um olhar de china atrevida,

que embuçalou minha vida  
na armada negra das tranças,  
pra depois de ter-me preso  
marcar-me com seu desprezo  
na picanha da esperança.

Desprezo não há quem cure,  
não há remédio que impeça,  
não há reza, nem promessa  
que lhe conserte o estrago.  
Por isso, seu boiicheiro,  
pra aparceirar o primeiro  
ponha no mais outro trago!